ARMADILHAS
DE
UM TEMPO II

"As Ovelhas de Laguna"

Editora

CLUBE DE AUTORES

T.Reche

“As Ovelhas de Laguna”

Romance Histórico

Este livro é uma obra de Ficção, os contos são totalmente advindos da imaginação da autora, sendo que não são baseados em fatos verídicos. Portanto, qualquer semelhança com o presente ou passado são mera coincidência.

Dedico esta obra, a meu filho José Matheus Dias, amigos e familiares.
Em especial ao meu pai José Martinho Iatarola (in memoriam).

"Tenho-vos dito estas coisas, para que não vos escandalizeis. Eis que os expulsarão das sinagogas, mas vem a hora quando todo os que vos matar pensará que, com isso, estar prestando culto a DEUS..."

ARMADILHAS DE UM TEMPO

Prefácio

O século XVI trouxe inúmeras armadilhas, aos que amavam e aos que jamais saberiam o que era amar, tais dias foram ainda mais tenebrosos do que muitos podem sequer imaginar. A inquisição, diferente do que se pensa, não foi um cenário sangrento apenas causado pela igreja romana, foi um rio amargo, vindo dos mais soberbos corações, estes eram aplacados por almas como as de Esteban e Catalina, que unidos, simplesmente por amar, pensavam que contornariam o rumo daquela história.

Entretanto, frutos desse amor converteriam em sangue, todo e qualquer ideal de paz, enquanto, na pele de uma mulher rejeitada, ardiam os mais malignos planos que trariam à geração de Delmar e Laguna, o fim que não imaginavam! Entre dores, espadas e intrigas, eis que surge um "*lobo*", que não trazia sua natureza predatória, antes a renegaria, em tempos que muitas eram as ovelhas inocentes, quais viriam sucumbir. Tempos estes, onde cordeiros foram lobos, e lobos foram cordeiros!

A Saga
Nas Brasas da Inquisição (I Parte)
As Ovelhas de Laguna (II Parte)
E eis que o Lobo era Cordeiro (III Parte)

Nos tempos em que a Inquisição aterrorizava a Terra do século XVI, houve vidas que destemidamente clamaram por paz e justiça. Esteban teve dois grandes amores, *Catalina* e a *verdade*. E quando seus frutos vieram ter com ele, os que eram ovelhas se tornaram os lobos, e o lobo era o Cordeiro!

Sangue e torturas, o fogo do Santo Ofício, intrigas e paixão, não foram o bastante para desviar a alma do líder Huguenote e seus sucessores. A história que até então era banhada de sangue inocente, recebeu finalmente a geração que merecia.

CAPÍTULO I

As Ovelhas de Laguna!

E distante dali, em Portugal, mais exatamente no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o filho de Esteban e Catalina, seria tratado com cuidados especiais pelas freiras agostinianas. E uma das freiras, com o menino nos braços, embalava em seu leve e tranquilo sono sorriu vendo sua beleza tão singela.

– Augusto, é o seu nome, e será um devoto de Santo Agostinho, e defenderá a santa igreja católica com sua alma...!

Outra freira entrou e ouvindo as palavras da que o embalava, disse sorrindo pela cena tão bela. – É um lindo nome, e uma linda criança, seus olhos tão azuis, como o céu!

- Será um temido inquisidor, estudando aqui, adquirirá conhecimento e táticas contra as heresias que assolam nosso mundo.

- Sim irmã Malvina, Deus o separou para isso, não é a toa que o próprio arcebispo de Braga solicitou que o trouxéssemos até aqui.

- Ele disse a Madre Marcelina que precisava de inúmeras crianças para prepara-las para o futuro da contra reforma, ele faz parte de um

grande exército de Cristo contra a heresia, e que maravilhoso poder tê-lo em nossos braços!

- Sim, é realmente divino isso. – E enquanto admiravam o bebê, os passos de uma terceira freira que estava para tomar o posto no ano seguinte de Madre Superiora na Espanha, vinha visitar o hospital para que pudesse enviar ali algumas voluntárias.

Vendo as duas freiras com a criança, cessou os passos e se voltou a elas. – Com licença irmãs.

- Sim irmã...

-Ângela, da 3ª Ordem do Carmo. Sou a freira que veio visitar o Hospital do Mosteiro.

- Ah sim! Lembro-me agora, está aguardando sua promoção para Madre Superiora não é irmã, trará as voluntárias para cá.

- Sim, eu apenas estou para visitar no momento, mas em breve enviarei as noviças voluntárias.

- Venha comigo, vou apresentar-lhe o Mosteiro. – Ângela, nada mais nada menos, foi amiga íntima da mãe da criança qual elas acalentavam... Mas em nenhum instante, ela poderia imaginar esse evento! Aproximou-se lentamente da criança, e tirando um pouco a mantinha que escondia o rosto pálido e olhos azuis do bebê, disse maravilhada com tanta paz. – Que anjo é esse?

- A mãe faleceu de parto. Uma pena. – Mentiu a que o segurava olhando de soslaio para a segunda freira agostiniana.

- Era de que cidade irmã?

- Daqui mesmo, de Coimbra, uma temente católica, uma santa, seu sonho era que seu filho fosse um grande inquisidor.

- E proporcionaremos esse sonho a ela, por isso o trouxemos aqui.

Ângela fitou-o bem, e sendo ela em seu profundo ser, uma reformadora irrefutável, entristeceu-se por Augusto. Sorriu mesmo assim, e levando os olhos a freira disse convencendo-a de suas palavras:

- Fico feliz que mais um novo inquisidor esteja neste mundo.

- Seu nome é Augusto, agora venha irmã, vamos conhecer o Hospital.

- Sim claro. – Seguiu juntas a visitar o Mosteiro, Ângela permanecia a servir inevitavelmente a 3ªOrdem do Carmo, pois ali estava sua missão. Era a forma mais fácil de levar a verdade das escrituras, as suas companheiras que não sabiam dos mistérios que o clero insistia em esconder da humanidade. E os dias mais uma vez foram voando com os ventos fortes que o levavam... Em Estrasburgo, o grupo de Esteban intercalava dias de estudo intenso, cultos e disseminação da Palavra das Sagradas Escrituras, mas o líder de todo esse movimento, havia dias, permanecia deitado no quarto, ainda mais magro e deprimido não possuía mais ânimo sequer para participar dos seus próprios planos.

Brício, mais vivia esgueirando-se dos amigos, muito mais ainda de Esteban depois do evento daquela madrugada fatídica. Saía sempre pela manhã, e apenas voltava com o por do Sol, mas se tornava cada

vez mais difícil de saber sobre seu paradeiro... Amália limpava o lindo carpete vinho da mansão, quando o viu descendo as escadarias dos aposentos.

- Meu irmão! - Chamou ela deixando os afazeres rapidamente, precisava alcança-lo antes que fugisse de sua presença, fingindo não ouvi-la como fazia de costume nos últimos dias.

- Aonde vai? - Perguntou ela com tristeza no olhar. Brício depois de muitos dias a fitava novamente, e com os mesmos olhos tão calados e tristes respondeu em um oceano de mistério: - Minha irmã perdoe-me... Voltarei quando o dia terminar.

- Brício, diga-me o que está acontecendo com você, pelo amor de DEUS, não suporto ver tanta tristeza, seu sumiço diário, diga-me para eu possa ajuda-lo meu irmão, tenha piedade de mim, não suporto mais vê-lo assim!! - Não resistiu caindo em lágrimas á clamar pela compreensão de seu irmão. E Brício, contendo as suas no olhar, elevou-o até os aposentos, e voltando-os á ela apoiou a mão em seu ombro tão magro e respondeu de forma calma e tranquila:

- Minha amada irmã, tenha paz em sua alma, de que tudo o que for dito ou feito, será pela minha mesma paz. Apenas guarde isso com você, e no momento oportuno, venha lembrar-se dessa afirmação qual faço agora.

Amália, não compreendendo ainda, baixou os olhos como quem procurasse resposta dentro de si, e voltando á olhá-lo profundamente

insistiu ainda uma última vez: - Deixe-me ajuda-lo, mesmo que não saiba o que houve, deixe-me ajuda-lo.

- Volto no fim do dia, fique em paz. – Deixou-a ali, mais uma vez sem muitas respostas, António descia lentamente as escadarias e vendo-a ali inconsolável manteve-se em silencio e não ousou perguntar o que Brício havia dito. O papiro que o primo havia lhe entregue, ele fielmente guardou, não lendo-o antes que o tal evento viesse á chamar-lhe á leitura. Angelina surgiu da porta e vendo Amália daquela forma tão desalentadora veio ao seu encontro.

- Minha menina, o que houve?

- Ah Angelina, não ando me sentindo bem, sinto algo estranho no ar... Uma tristeza sem tamanho, sem razão, eu tenho medo disso tudo...

- Acalme-se querida, não há nada no ar... É por Brício não é? Fique tranquila minha querida, ele há de ficar melhor, talvez sejam problemas de casamento... – Nesse mesmo instante surge a espanhola á abrir a porta de seu quarto, o rosto estava pálido também, e de lá chamou por António que ainda permanecia sentado no degrau da escadaria á observar sua prima e Angelina á conversar.

- António me ajude...

- O que houve Antoinet? - Virou-se de repente ao ver a espanhola sucumbir desmaiando em frente á seu quarto, Amália e Angelina logo perceberam o evento e deixaram a conversa de lado

á subir as pressas para acudir a moça. – Ajudem aqui! Ela desmaiou!!

- Leve-a até a cama, vou preparar um chá e algo para ela comer, deve ser fraqueza, não a vejo comer mais, precisa se alimentar pelo bebê...

Dizia Angelina enquanto ajudava António á carregar a espanhola no colo. Amália entretanto não á socorreu em nada, uma frieza tomou conta dela naquele instante, deixou que fizessem o socorro sozinhos. No quarto ao lado estava o silêncio em pessoa, Esteban, então Amália preferiu ir até lá... Calmamente chegou-se no quarto do amigo, e batendo na porta ouviu depois de alguns segundo o "entre" dele.

Abriu a porta com cuidado, e vendo-o tão franzino, perdido naqueles trajes dominicanos, sentado na beira da grande janela que tinha uma belíssima vista para o grande jardim e pomar da mansão, sentiu uma grande tristeza... Esteban sucumbindo a cada dia, Catalina possivelmente jazida, e seu irmão a prantear por algo misterioso. Entrou silenciosamente, e sentando-se na beira da cama perguntou:

- O que está acontecendo conosco Esteban? Onde está nossa vida tão agitada, ativa, missionária?

O rapaz que transcendia seus pensamentos voltou-se para ela com o olhar dilatado e perdido, mais, muito mais que os dela... – Pergunto-me isso todos os dias... E a resposta é sempre uma só...

- Qual Esteban, qual é a resposta?

E ele voltando a fitar o horizonte, após um longo suspiro disse:

- Catalina Laguna.

Amália engoliu uma amarga saliva desta vez, sentindo o peso daquela resposta. E aguardou a continuidade da resposta do líder.

- Pensava ser o líder desse movimento, de paz, disseminação da Palavra de Deus, e de toda a missão qual eu propus á vocês, meus companheiros e seguidores fiéis. Mas hoje Amália, eu vejo que o líder jamais foi eu. Que uma missão desmorona quando o líder sucumbe, e isso aconteceu quando o destino sucumbiu Catalina.

- Esta dizendo que. Catalina é a razão de tudo isso?

Esteban sorriu ao ouvir isso, e depois de tanto tempo sentiu uma paz harmoniosa. – Sim amiga, ela é o motivo de todo esse movimento, e quando ela se foi, percebi isso, pois nada mais eu pude ou soube fazer, ela me impulsionava, me trazia paz, ânimo, e desejo de prosseguir. Sem ela, tudo estagnou tudo se foi com ela naquela manhã. Ela levou como que por encanto, todos os meus sonhos e planos de reforma, de missão.

- Mas Esteban, você precisa continuar, por que ela amaria saber que você mantém esse ânimo, essa força. Se soubesse o quanto ela o amava. – caiu em lágrimas ao dizer isso, chamando a atenção de Esteban, e ele vendo-a assim, acalmou-a segurando suas trêmulas mãos. Após alguns segundos aguardando que ela sentisse a paz que ele inconscientemente passava a todos, respondeu ao seu ansioso comentário: - Catalina está viva Amália.

A moça fitou-o de forma embaçada pelas lágrimas, e depois de alguns segundos disse maneando a cabeça confusa.

– Como pode ter tanta certeza?

- Por que ainda vivo.

Essa resposta foi como um antídoto para Amália, que fez nascer nela uma esperança que já havia se perdido havia muitos meses. Sorriu por fim, recebendo aquela fé dentro da alma, e abraçou-o fortemente como que desejasse adquirir dele um pouco de sua essência advinda de sua amada amiga Catalina, era como se Esteban fosse fundido nela, e ela nele.

António entrou de repente no quarto.

- Ajudem!

- O que houve António?

- Antoinet, está sangrando!

- O bebê Esteban! - Exclamou Amália assustada correndo até a quarta tomada pelo instinto do parentesco com a criança. E a gravidez, que sequer até mesmo Antoinet acreditava existir, por sorte, existia, e não se sabia de quem, mas estava ali o rebento em seu ventre quase a esvair-se pelas suas entranhas...

- Acalme-se Antoinet, precisamos chamar um médico!

- Vou até a vizinhança ver se alguém conhece um, não conhecemos nada por aqui... Esteban e Amália fiquem com ela, venha comigo António.

-Sim, vamos. – Eles foram às pressas, a procura de ajuda, enquanto isso a espanhola retorcia-se na cama assustada, em um cenário tenebroso, em um mar de sangue que não cessava de envolvê-la.

Amália segurou a mão trêmula da cunhada e em um ato misericordioso disse quase á sorrir. – Acalme-se, tudo vai ficar bem, vamos ficar aqui com você, até tudo isso acabar.

Esteban via aquilo com satisfação afinal, era um grupo.

CAPÍTULO II

FRUTO DO PECADO?

De fato, não houve demora, um estudante de medicina das redondezas não demorou muito para chegar. O diagnóstico foi como sempre naquela época pobre e incoerente. Mas a prescrição serviria para a atual situação... – Ela precisa de repouso. Nada de caminhar, nem mesmo para abrir a janela, fazer as necessidades, como urinar e defecar em vasilhas. Alguém terá que ajuda-la.

– Eu e Amália á ajudaremos, pode ficar tranquilo doutor. – Disse Ângela ao rapaz ainda na tenra idade, alto, de pele extremamente clara o que ressaltava o olhar negro e cabelos ainda mais. Olhar esse que teimavam em desviar-se para Amália, qual sequer dava conta desse feito.

- Bom, é isso, vou indo, e havendo qualquer outro evento semelhante basta me chamar, vocês são clérigos? O que vocês são?

- Somos protestantes doutor.

- Mas você se veste como dominicano!

- É uma longa história... – Respondeu Esteban de forma séria, e o jovem estudante chamado Pierre Condor, ávido pela medicina,

aproximou-se do líder protestante devagar fitando-o profundamente nos olhos... – Está anêmico!

- O que?

- Sim, está com olhar nitidamente anêmico, se desejar lhe prescrevo uma receita.

- Não, não desejo... Obrigada. – Esquivou-se Esteban estranhando a maneira espontânea de Pierre. Isso chamou a atenção de todos, Amália riu de forma discreta o que fez com que o jovem médico voltasse sua atenção á ela.

- Posso ver se há anemia em seu olhar? - Perguntou com voz doce trazendo Amália á perceber um mundo que até aquele momento jamais percebera. – Sim doutor.

- Vejamos... – Se aproximou lentamente, e olha-a no mais profundo de seus olhos disse apenas para que ela pudesse ouvir.

- Apenas beleza. – Deixou-a e se dirigindo até a porta disse á todos: - Qualquer coisa eu estou á disposição! Até mais.

Depois que deixou a casa, todos ficaram meio perplexos com o comportamento extravagante do rapaz, se entreolharam, sendo que Amália apenas olhava para o chão, pensativa... ”Porque ele disse aquilo?”

Esteban maneou a cabeça e disse olhando para o grupo que estava reunido na sala. – Ele nem cobrou pelo atendimento?

- Ele é estudante, talvez seja isso... – Disse Bartolomeu rindo da situação. E António não perdendo a oportunidade, se aproximou

de Amália e disse em tom audível á todos: - Diga á nós todos que tipo de anemia você tem Amália...

- Hã? - Respondeu a moça confusa, despertando de sua inercia.

Riram por fim todos juntos, afinal, tudo não passava de um evento hilário.

A noite caiu mais uma vez... E na Espanha, na 3ª Ordem do Carmo, Ângela caminhava as pressas fazendo tremer o chão reluzente que as noviças poliam diariamente do convento como era de costume. Ela agora aguardava para ocupar o cargo máximo de Madre Superiora no dia 1º do mês de Dezembro, e havia recebido uma carta qual solicitava sua presença em uma igreja na cidade de Lisboa.

Na carta havia os seguintes dizeres: - Vossa Reverendíssima irmã Ângela, praticante da 3ª Ordem do Carmo, venho através desta carta solicitar sua presença para tratar assunto pertinente á menina Laguna. Aguardo ansiosamente na igreja de São Roque às cinco da manhã de amanhã. A paz esteja com você.

As mãos de Ângela estremeceram de forma á perder o controle, a carta caiu no chão de imediato ao ler o nome "Laguna", sabia que se tratava de Catalina. Havia recebido notícias trágicas dela, e agora seu nome era citado novamente. E a última frase remetia a reforma protestante, e isso a deixou mais ansiosa. Mas ainda teria que aguardar pelo amanhecer do dia seguinte.

Em Estrasburgo, Brício chegava cavalgando calmamente, sem sequer saber acerca do que houvera com sua esposa. Esteban ao vê-

lo tentou se aproximar, mas foi ignorado pelo amigo, o que o deixou imóvel pela sua reação.

- Brício, precisamos falar com você, é sobre o bebê. – Tentou dialogar Amália, vendo que ele finalmente cedeu e voltou-se para a irmã. – O que houve?

- Ela teve um sangramento, mas agora está bem, chamamos um médico, e ele disse que ela está bem apenas não pode fazer esforço.

- Meu Deus! - Sentou-se chocado com a notícia, Esteban se aproximou meio receoso, e tentou comunicar-se com o amigo.

- Brício, eu preciso falar com você, e precisa ser agora.

- Desculpe Esteban, não posso falar com você, não há como falar.

Todos ficaram assustados com a resposta de Brício, apesar do tom calmo e sincero de sempre, foi bastante incomum da parte dele tratar Esteban com tamanha frieza.

E mais uma vez um silencio tomou conta daquela mansão. Mas o desejo de extirpar aquela erva daninha do grupo, aquele câncer chamado de discórdia qual estava por infiltrar-se através da manipulação indireta de Antoinet, era tanto que Esteban insistiu impedindo a passagem de Brício com seu corpo quando este tentou deixar a sala ao terminar sua frase. – Pode não haver da sua parte, mas há da minha. – Brício calado, fitava o líder de uma maneira tão indiferente e dolorosa agora, apenas conseguia ver nele sua esposa deslizando um corpo que não lhe pertencia... Ele, que tanto pronunciava santidade, pureza de carne e espírito,

qual foi seguido por tantos, por ser exemplo de verdade e integridade. Integridade essa, desintegrada nos braços de sua esposa. Após fazer essa análise num lapso de segundo, respondeu calmamente, mantendo a postura: - No jardim, estarei no jardim.

Desolado, Esteban sabia que algo estava errado... Certamente o coração de Brício estava sangrando, e sabia que o culpado era seu líder... Uma mistura de decepção, traição, tristeza, angústia sem limite, e o pior, sem volta.

Ali, rodeado pelos seus amigos, que nada entendiam, apenas observavam atônitos a cena bizarra, levou as mãos a cabeça retirando os cabelos que cobriam os olhos na altura do queixo.

Sem nada dizer foi até o jardim para encontrar seu amigo, qual encontrou de pé, a olhar o horizonte num profundo silêncio.

- Eis-me aqui Brício.

- Mas é você que diz ter que falar comigo Esteban... Não eu.

- Eu sei o porquê está assim, mas vou pedir que jamais pronunciássemos essa razão, para que não sejamos mais ainda manchados por ela.

- Manchados pela "razão" ou pelo ato que leva a razão da situação em que nos encontramos?

- Brício, eu lhe dou minha palavra...

-Não acredito em sua palavra Esteban. Tente outra opção.

– Esteban perdeu sua voz, perdeu seus pensamentos, ouvir aquilo foi uma punhalada de frente sem reação de defesa. – Desculpe Esteban, eu não devia dizer isso, mas é que... Eu não sinto muita coisa boa em minha alma, então as palavras não serão boas. - arrependeu-se num instante repentino Brício, ao ver o estado de choque que o seu líder ficara ao receber aquela resposta. Mas logo se recompôs para demonstrar um semblante mais tenaz, e até quem dera impiedoso.

- Não há o que falar, palavras trarão ainda mais abismos. O silêncio será o melhor amigo e a melhor muralha entre nós, para o bem deste grupo, e do que há de vir daqui para frente, é só Esteban.

Mais uma vez o deixou sem palavras, e sem questionamentos. Seus passos eram pesados, difíceis, e algo parecia insistir que voltasse os olhos para trás a ver o amigo ali tão desnorteado, sem chão e argumento, mas ainda era seu amigo. Mas precisava ter orgulho, ser forte o bastante para permanecer olhando para frente, e de agora em diante, sempre para frente.

Mas uma sombria justiça escolhida por Brício vinha a passos lentos, qual traria uma reviravolta irreparável e jamais esquecida pelos membros do grupo reformista de Esteban. Brício subiu ao quarto onde se deparou com a imagem da bela Antoinet, nem mesmo a palidez levava aquela beleza talhada em seu rosto. Brício se aproximou e notou que a sua esposa apenas descansava, de frente com ela, a viu aos poucos abrir os olhos vagarosamente, perscrutou

o olhar dela até sua alma, fazendo-a questionar aquele olhar tão profundo e silencioso. – Por que está me olhando assim Brício?

- Não é o momento de saber, mas em breve saberá. Quero que saiba por enquanto, que a amei de todo o meu coração, que a respeitei de alma e espírito, meus olhos meu ser, sempre foram seus. Mas quando eles vieram saber que você jamais fora deles, decidi deixar de fazê-lo. Não levo comigo mágoa, ódio tão pouco rancor, mas a lembrança de que jamais deveria tê-la amado. -Brício virou-se de repente, não dando espaço de tempo para que a moça sequer raciocinasse essas palavras em sua mente. Apenas foi levada pelo movimento dele ao dirigir-se até a porta, e não compreendendo muito bem o que exatamente aquilo tudo significava, ficou estagnada, olhando o nada, apenas na confusão do momento.

Desceu rapidamente as escadas, e iniciou uma despedida abraçando em silencio um a um de seus amigos que se encontravam na sala, sendo o último Esteban. O líder reformista, olhando-o firmemente indignado com aquela reação estranha perguntou de forma quase agressiva: - O que pensa que está fazendo Brício?

- A paz esteja com todos nós! Amo-vos amigos! - Então gesticulou com seu chapéu, e as pressas ele subiu em seu cavalo. Não demorou sequer alguns segundos para se colocar a galopar avidamente pela campina, desaparecendo no horizonte, avistando-se apenas por último sua capa de pele animal longa.

- Ele foi para onde Esteban?

- Ele se foi Bartolomeu. – Respondeu Esteban tristemente olhando o horizonte, onde a silhueta do cavalo e seu condutor desapareciam aos poucos diante da lua forte daquela noite. A certeza do líder foi tão precisa, que não deixou dúvida a ninguém ali presente.

E na manhã do dia seguinte, a ansiedade da freira Ângela, amiga de Catalina se tornava intolerante. Estava pronta desde o momento em que leu aquele bilhete misterioso, ereta, de frente a porta de saída do convento, observava a carruagem que a levaria até a igreja conforme combinado para o encontro. E foi quando o sino tocou, que de imediato ela subiu em sua condução discretamente para que ninguém notasse.

Chovia bastante aquela manhã, e descer da carruagem já lhe causou um pouco de dificuldade, logo notou que um senhor com um capuz marrom, de monge franciscano se aproximou às pressas para ajuda-la. Quando ele revelou seu rosto, mostrou ser o homem visitado por Brício na França, o qual solicitou ajuda por ter inúmeros amigos e conhecidos inquisidores, apesar de ser um ex- inquisidor e hoje árduo reformista protestante. – Dê-me sua mão irmã!

Ângela um tanto desconfiada, ainda sem saber ao certo do que aquele encontro se tratava, receosa ofereceu a mão em meio á torrencial tempestade, e desceu rapidamente para dentro da igreja.

- Desculpe, se soubesse que estaria uma chuva assim, marcaria outro dia.

- Quem é o senhor?

- Sou um ex-monge dominicano, meu nome é George Botelho Filho. Amigo de protestantes, reformistas, calvinistas e luteranos, eu me visto assim para sobreviver. – Riu o idoso de 76 anos como poucos dentes, mas um ar angelical no olhar. Ângela sentiu paz nele, e sorriu também, mais tranquila questionou agora acerca do bilhete falando de Catalina.

- Como conhece Catalina?

-Ela está presa pelo Santo Ofício.

Ângela estagnou-se, petrificou-se na verdade, e em instantes lhe pareceu sair de seu corpo e ser levada ao passado, revendo o olhar tão inocente e ingênuo daquela menina... Horrorizada voltou o olhar agora lacrimejante ao senhor mensageiro:

- Ela vive?

- Esperemos que sim, e é exatamente por isso que estou aqui. Conheço quem pode libertá-la, ela apenas precisa abjurar ao calvinismo e toda forma de reforma protestante diante do Santo Ofício e o restante eu garanto. Mas preciso que a mantenha em seu convento até seus últimos dias de vida, por que se ela for capturada uma segunda vez, não haverá mais o que fazer!

- Mas onde ela está? Como eles a pegaram?!

- Recebi recentemente a informação de que está aqui na Espanha, mas não me revelaram o cárcere. Mesmo assim, esse meu amigo, a trará até nós, depois do julgamento.

- Tente trazê-la para outro cárcere, se for possível. Por favor, preciso vê-la!

- Estou cuidando disso irmã, e se eu conseguir a avisarei, é isso que quero, afinal precisa convencê-la da abnegação.

- Sim, mas creio que será fácil, ela nunca foi fervorosa, eu mesma a ensinava muita coisa acerca da reforma, mas ela sempre foi muito católica.

- Mas ela amou e se estiver viva, ama a um homem que pacificamente revolucionou o anabatismo, a guerra anabatista se calou, e a paz tomou conta da França. Calvino tem espaço agora através dessa paz, seu sobrenome é conhecido como Delmar. Não creio que ela seja tão católica assim irmã Ângela.

- Mas agora terá que se tornar.

- Sim, se desejar viver, terá sim.

- Esteban está liderando essa aventura?

- Não, Esteban sequer sabe disso, e é melhor que quanto menos pessoas souberem melhor. Brício, amigo e seguidor dele é que me procurou para essa missão.

- Entendo, mas enfim, graças a Deus que a encontraram, obrigada por me procurar, e me contate ao saber de mais notícias, por favor.

- Sem dúvida irmã Ângela, afinal, a irmã é a peça chave dessa missão. - o ancião levantou-se com um semblante esperançoso, e enquanto lá fora, a chuva diminuía, um sol de alegria imensurável nascia no coração de ambos, ainda mais de Ângela. A reformista

disfarçada em suas vestes carmelitas levantou-se sentindo um alívio por saber que poderia rever sua amiga. Apesar das chances de Catalina ainda estar viva serem poucas, ou inexistentes, ainda lhe restava a fé. Essa fé perdurou até o dia de sua vestidura de promoção á madre superiora da 3ª Ordem do Carmo. A cerimônia fora longa, dava-se início através da lavagem das mãos do sacerdote seguido da oração em latin "*Da, Domine, virtutem manibus meis ad abstergendam omnem maculam; ut sine pollutione mentis et corporis valeam tibi servire*."

Que significa: "Colocai, Senhor, na minha cabeça o elmo da salvação para que possa repelir os golpes de Satanás"

As vestes brancas dos dominicanos que vinham para a celebração denotavam a pureza da santidade simbolizada naquele ritual, e os olhos quase reluzentes das sonhadoras noviças e freiras carmelitas, de longe observavam cada instante, em um sorriso esboçado de forma sutil e mágica, vendo ali, mistificada um momento celestial.

Ângela em seu interior mais profundo, mantinha uma comunhão dificultada pelo momento, com um Deus sem forma, sem escultura ou nome, mas o Deus das escrituras, qual é espiritual o bastante para não ser diminuído a uma imagem tão vil e imperfeita, qual era forçada a idolatrar naquele lugar.

Os olhos em um instante elevaram-se ao clarão do vitral, onde alguns raios de sol adentravam ali, e em sua alma clamou á DEUS que a perdoasse por tudo aquilo. Que o fazia por ser a única maneira

de se manter viva para falar sobre sua santa e verdadeira Palavra. Mesmo que sorrateiramente, correndo riscos, dentro de campo inimigo, mas era esta sua missão, fosse ou não perigosa.

Sua mente voltou à realidade daquela manhã de 27 de dezembro de 1539, quando finalmente pode voltar o rosto para suas noviças e freiras, e ser recebida como a mais nova Madre Superiora da 3ªOrdem do Carmo da Espanha.

Findado o ano, findado as esperanças da volta de Brício, de Catalina, e consequentemente, da alegria de viver. Esteban naquele inicio de 1540, chegava ao seu êxtase limite, não lhe restava mais nada, palavras, brilho, pensamentos, força ou mesmo fé. Os olhos já estavam paralisados agora em um mundo paralelo e oculto, as palavras eram raras, e o sorriso. Esse já não mais existia. Num silêncio definitivo agora permaneceu o seu coração, os cultos que ministrava a Calvino passara a António e Bartolomeu. O corpo já agora ainda mais franzino que antes, pouco podia caminhar por debilitar-se a cada dia, após a partida do amigo Brício, enquanto a vida crescia em Antoinet, a morte o sugava de forma visível diariamente. Fletcher voltava de viagem àquela manhã, dia 14 de janeiro, trazendo a notícia da morte de sua mãe, e a proposta que poderia mudar aquele cenário fúnebre de um líder aparentemente derrotado pelo destino.

Fletcher desceu de seu cavalo, e de longe avistou um corpo quase “infantil” sentado na grama, abraçado em si mesmo, apenas

revelando ser quem era pelas vestes dominicanas brancas de sempre... – Santo Deus! O que houve com Esteban! Como está magro, adoentou-se? - Exclamou em voz baixa enquanto caminhava para dentro de sua mansão seguido de seus hóspedes Bartolomeu e Giovani. – Brício deixou o grupo, e deixou-nos sem paz com Esteban. Isso foi o fim para ele.

- Mas por que, o que houve?

- Não sabemos ao certo, mas desconfiamos de forma abstrata demais para especular, tememos pecar contra falsos testemunhos. Então tentamos não falar sobre isso... – Respondeu Bartolomeu humildemente baixando o rosto. Fletcher não insistiu apenas indignado com o estado desnutrido de Esteban solicitou que chamassem o médico da família, Pierre Condor, o rapaz que se afeiçoara com Amália... Sendo chamado, e estando extremamente interessado pela jovem protestante, não demorou muito para que aparecesse com sua maleta preta ofegante, pois viera correndo ao receber o chamado, ainda mais sabendo de quem.

- Boa tarde, vim agora, pois estava aqui próximo, ajudando em um parto, parto difícil, nasceram duas crianças de um ventre só! Acreditam?

- Boa tarde Dr. Pierre, poderia ver nosso amigo Esteban, ele anda muito magro, acho que possa estar doente!

- Sim, tem tossido?

- Acho melhor perguntar a ele... – Respondeu Bartolomeu mostrando a escadaria, mas os olhos do jovem médico procuravam avidamente pelos ângulos e esquinas da mansão, o rosto que vira pela última vez. Voltando sua atenção á escadaria ao notar que ela não estava ali, subiu lentamente, com esperança de que surgisse ainda por algum momento... Porém, o último degrau foi alcançado, e ela não surgiu de lado nenhum. No quarto de Esteban pode admirar a cena de um homem quase moribundo, a arcada magra e leve do rapaz pousava de leve na cama tão imensa agora para ele. – Vejo que perdeu muito peso Esteban. Como se sente?

- Cansado. –Enquanto Pierre abria sua maleta todo orgulhoso e altivo, exibindo seu porte intelectual e sua beleza apreciável, foi tomado pela surpresa da entrada súbita de Amália qual também se surpreendeu ao vê-lo.

– Bartolomeu, o doutor já...

-Sim, ele acabou de chegar, vai examinar Esteban.

- Bom dia Amália.

- Bom dia doutor Pierre. – Ficaram ali, numa estagnação notada pela periferia, o rapaz sorriu como um tolo, e Amália ruborizaram-se de forma que precisou sair imediatamente dali.

- Desculpem-me... Então, vou examiná-lo, e então conversaremos com mais certeza do que está acontecendo.

Amália desceu como um vento forte pela escadaria chamando a atenção de Angelina que veio ver o que se tratava. – O que houve? Algum problema com Esteban Amália?

- Não. Não.

- Você está bem? Por que está assim ofegante menina?

- Nada Angelina, eu estou bem, apenas com pressa.

- Sim, entendo, é o que me parece, mas pressa de que?

Amália pensou, e tentou imaginar uma resposta para a pergunta.

- Para fazer um refresco, para o doutor.

- Entendi... – Compreendendo o "desconcerto" da moça, Angelina sorriu discretamente, e junto com ela foi até a cozinha preparar algo para a visita do jovem médico. Esse por sua vez, após minunciosamente examinar Esteban, reuniu seus pertences em sua maleta marrom, e disse com ar sério e possuidor da sabedoria.

- Você está sofrendo de "angústia de alma". – Bartolomeu riu inocentemente, sendo visado pelo jovem médico sem sequer um sorriso no rosto, este então prosseguiu, fazendo com que Bartolomeu engolisse o riso imediatamente. – Já vi isso em vários pacientes, e vi alguns morrerem deste mal. O apetite cessa e até mesmo a sede desaparece nada mais tem razão, a voz desaparece, o olhar fica fixo no nada e parece que o doente sequer pode ouvir, e gradativamente vai se perdendo o contato com o mundo real, até chegar à morte. É sério, e deve ser tratado, precisa

procurar caminhar todos os dias, se esforçar em se alimentar, conversar...

- Sinto-me cansado.

- É o primeiro sintoma, está no inicio, mas está perdendo peso e apetite, se continuar assim, logo sucumbirá.

- Ele já fala bem menos que de costume, e sempre dorme mais que antigamente doutor.

- Outro aspecto semelhante a esse mal, mas vou estar de olho em você e em Antoinet, inclusive vou dar uma olhada nela. Já está de meses e quero ver se a gravidez está firmando. Ah! E outra coisa Esteban, posso lhe perguntar uma coisa?

- Sim.

- Poderia passear com Amália aqui no pomar da mansão?

Esteban esboçou com esforço um terno sorriso: - Se ela desejar sim, claro Pierre.

- Obrigada. Vou ver Antoinet, com licença.

Saiu Pierre do quarto com um sorriso quase infantil, e um brilho no olhar a ponto de iluminar todo aquele recinto, e também a ponto de se esquecer de que o quarto de Antoinet definitivamente não era na cozinha. Desceu às pressas até o último degrau, ao chegar nele, se recompôs e seguiu até a cozinha onde estavam Angelina e Amália rindo e mexendo nos afazeres. Colocou-se ereto em frente á entrada e fitando a sua suposta pretendente, disse em voz macia: - Com licença “ladies”.

Ambas viraram de repente enxugando as mãos em panos e nas saias, Amália ajeitou rapidamente o cabelo todo caído no rosto em uma trança mal feita jogada nas costas até a cintura. Para os olhos dele, ela estava perfeita.

- Desculpe doutor Pierre, estávamos ajeitando para que viesse tomar um café.

- Não se preocupe D. Angelina, eu apenas vim pedir á senhorita Amália, se teria a graça de leva-la dar uma volta no pomar da mansão, já pedi á Esteban, e ele disse que não haveria problema nenhum, se você desejasse é claro.

Amália elevou o olhar que até então era tímido até ele, e sorrindo tão ruborizada quanto antes fez que sim com a cabeça, Pierre riu dela em um tom terno e apaixonado, e estendeu a mão para que o seguisse. Mesmo sendo quase imóvel pela timidez, se esforçou a dar aqueles três passos e em silencio ainda estendeu sua mão á ele, porém assim seguiram até a porta, ali mesmo ela o deixou, e seguiram de mãos livres até o pomar. – Então, é uma calvinista e ex noviça carmelita é isso?

- Sim, eu e minha amiga, Catalina.

- Sei algo sobre essa Catalina, falam muito sobre uma que se perdeu do grupo de vocês, foi morta pelo santo ofício não foi?

- Ela não foi morta! Ela ainda está viva! - Exclamou Amália revoltada com a afirmação do jovem, Pierre logo tentou consertar a frase.

- Tudo bem, eu acho que não quis dizer isso, quis dizer, que foi capturada, mas que provavelmente ainda será julgada, não sei. O que acham que pode ter havido com ela?

- Não sabemos, é por isso que Esteban está assim.

- Morrendo de amor. – Disse Pierre de forma séria, Amália olhou nele e perguntou sorrindo desta vez. – Você estudando para ser médico acredita nisso?

- Já vi muitos morrerem de amor. Por isso acredito.

-Então seria capaz de morrer de amor Pierre? - Perguntou curiosa cessando os passos debaixo de uma macieira. – Aquele que é incapaz desse feito, ou é perfeitamente correspondido, ou jamais amou verdadeiramente ao não ser correspondido.

- Que linda definição para o amor. – Encostou-se a árvore, e fitando agora mais calmamente e menos tímida o companheiro de caminhada, sorriu admirando a filosofia do jovem. Pierre vendo a imagem tão bela dela, respondeu com o olhar, sem palavras ou movimento algum. Apenas naquele olhar, puderam se entender perfeitamente.

- Vou assistir á um culto calvinista qualquer dia, meus vizinhos eram anabatistas, mas desde ano passado se converteram ao calvinismo após assistir aos cultos de vocês. Devem saber persuadir muito bem.

- Não fale assim, não é persuasão, é a verdade sendo exposta, apenas isto Pierre.

- Posso fazer esta visita, acompanhado de uma bela senhorita?

- Sempre vou aos cultos, nos vemos lá. – Respondeu Amália ajeitando seu avental longo, posicionando-se para voltar à mansão, mas o jovem tentou detê-la para estar ao menos mais alguns instantes em sua presença tão doce...

- Espere Amália! Vamos caminhar mais, sequer conversamos ainda, quero saber do que você gosta como foi sua vida no convento...

- Cada dia uma pergunta doutor Pierre. Assim teremos mais razão de passeios. – Sorriu ela com brilho nos olhos, em uma inocência fraternal, levou o rapaz a derreter-se em encantos, maneando a cabeça como quem desacreditasse em tanta doçura e ingenuidade numa só mulher.

- Sim, está certa. Então estamos acordados, no próximo culto estarei com John Storder e sua esposa, eles são os vizinhos que lhe falei, John anda extremamente enfermo, mas nunca perde os cultos quando está um pouco melhor de saúde... E espero poder vê-la por lá.

- Certamente me verá. Vamos agora?

- Vamos Amália.

O caminho curto de volta precisava ser estendido, os passos eram ainda mais lentos para que o momento fosse ainda mais longo. E naquela essência de romance imaturo e cheio de expectativas, ambos flutuavam visivelmente, a comover aos que os viam trocar tantos ingênuos olhares. Muitas das vezes tinham que ser despertados por alguém, pois pareciam sair deste mundo juntos,

quase num mesmo instante e sonho. Entretanto, bem distante de sonhos e flocos de algodão, estava Catalina em seu cárcere naquela tarde de janeiro. Encolhida com seus ferimentos agora bem cicatrizados por três semanas de descanso das sessões de tortura surpreendeu-se com o velho som dos passos malditos do alcaide em sua direção, um tremor estranho subiu pela sua espinha como que automaticamente, e seus olhos dilatavam numa reação traumatizante de relacionar aquela cena ao que haveria de passar pelos próximos dias... Catalina estava naquele cárcere mais de um ano, e a exato um já não usava sua língua para dialogar, seu silêncio era a única arma para resistir as torturas e tentar deixar a realidade, vivendo assim em um mundo irreal onde se podia buscar forças para ressuscitar a cada óbito diário naquele lugar. – Hora de pagar pelo pecado cometido herege. –Riu o carrasco abrindo a porta pesada e imunda para buscar o corpo franzino quase seminu da pobre reformista. Catalina maneava negando com o olhar piedoso derramando seu mundo de lágrimas pelos olhos azuis já não tão reluzentes como antes, olhar este, ignorado como de costume pelo carrasco que a trazia pelo braço direito amarrado ao esquerdo com uma espessa corda que cortava seu pulso magro e delicado. Desta vez o corpo frágil teve que se submeter a dura e dolorosa experiência do pêndulo, nesse mecanismo, o carrasco amarrou os braços de Catalina para trás, enquanto o semblante dela desfalecia em desespero e dor, por ter inúmeras vezes assistido esta cena infernal...

Nenhuma palavra, apenas o olhar fixo, sem um piscar sequer, observando cada movimento, onde o carrasco preparava seus momentos de terror.

A corda foi amarrada a uma roldana e um eixo, então foi quando em certa altura, que o torturador subitamente puxou a corda soltando violentamente uma porção desta, o que fez com que luxasse de forma profunda os ombros tão magros de Catalina. Os gritos lhe vieram da alma naquele instante, mas desapareceu na segunda vez que foi baixada a corda, onde deslocado seus braços a levou á desmaiar definitivamente. O carrasco olhou para seu companheiro e maneou a cabeça, inconformado com a fraqueza da moça.

-Ela não suporta nada, mande-a pra cela antes que morra, a execução será em breve, tem que estar viva...

O carrasco retirou-a então e nos braços levou-a feito uma criança de colo até seu cárcere, ali Catalina agonizou longos dias, até que seus ombros se curassem sozinhos...

O grande hematoma em ambos os braços, iam aos poucos ao inicio de fevereiro desaparecendo, quando uma tarde chuvosa o mesmo som dos passos do carrasco foram novamente ouvidos... O mesmo gelo na espinha subiu lentamente, o mesmo tremor, e o mesmo pânico lhe tomou o corpo e a alma... Então soltou de dentro de suas entranhas um grito de loucura, misturado a gestos enlouquecidos, se empurrando pelas costas contra a parede como que tentando ser absorvida por ela, o choro era quase infantil, não ouvia mais nada,

pouco enxergava, pois as lágrimas e o embaçado da escuridão de um ano não lhe permitia ver... Então sentiu a mão calma que a tocou, era um toque diferente, que cessou suas lágrimas. Teve que abrir, ou ao menos tentar abrir os olhos, e o fez.

O olhar celeste daquela tão bela moça, que hoje estava semelhante a um rato de esgoto, escondida naquele buraco aguardando pela morte mais terrível escolhida pelo tribunal do Santo Ofício por ela ter assumido o protestantismo, o "estiramento". Método onde a vítima era despedaçada através de correntes estiradas gradativamente, quais estavam presas ao corpo. Naquele instante abriu-se para ver um rosto conhecido, havia muito tempo não visto. Mas sim, conhecido, era a face tão meiga quanto de uma amiga, Ângela estava ali, segurando sua mão gélida e trêmula. Catalina ficou fitando aquele sorriso encharcando-se de lágrimas de emoção, Ângela chorava mais que a vítima chorou aquele tempo todo no cárcere do Santo Ofício.

- Minha menina! Meu Deus oque fizeram com você? O que fizeram com você Catalina!

Sim... Pensou Catalina vagamente em sua mente confusa pelas torturas e dores, aquela voz... Era sim Ângela, mas onde ela estava? Estaria ela no paraíso? Ou era um sonho? O que era aquilo? Precisava pensar assimilar tudo aquilo... Enquanto sua lenta mente, deteriorada pelos meses de tortura constante tentavam captar aquele cenário atípico, um frei que acompanhava Ângela tomou a frágil

moça nos braços. Retiraram-na de forma calma, pois traziam uma carta assinada pelo cardeal Afonso de Portugal, qual tinha contato e amizade próxima com a agora madre superiora da 3ªOrdem do Carmo. Afonso era um cardeal infante, tinha apenas 30 anos, mas sua aversão pelo protestantismo era explicito, não permitia sequer livros e escritas advindos da Alemanha na época, visto que o rei Henrique VIII havia se desligado de Roma por se apaixonar por Ana Bolenna...

A inquisição em Portugal era relativamente letárgica em relação a Espanha, porém, Afonso preparava o campo para uma batalha tão sangrenta quanto. Porém, a amizade dele com Ângela, e seu desconhecimento acerca dos verdadeiros ideais dela, lhe davam privilégios indiscutíveis, ainda mais em tempos como aqueles. Mas infelizmente, essa amizade duraria pouco, afinal em Abril daquele ano de 1540, ele viria a falecer. Mas nesse emaranhado de interesses, vínculos de amizades e segredos, Catalina finalmente estava livre.

E como se a alma dela fosse à alma de Esteban, e a dele fosse a dela, a liberdade que soprava ventilando seu espírito, foi um refrigério para o dele mesmo a distância em meio aos lençóis moribundos do corpo cansado e inerte daquele rapaz.

Seus olhos despertaram de repente, o corpo não movia, estava fraco demais, porém, o olhar abriu para ver o que era aquela sensação de liberdade estranha que de repente tomou sua alma.

Sua mente voltava mais uma vez ao passado, daquela tarde tão bela, e um sorriso quase tolo surgiu depois de tantos meses no rosto ressequido do rapaz. O coração inexplicavelmente parecia saltar no peito que pouco lhe chiava a respirar com esforço naqueles dias. Que felicidade estranha seria aquela. Estaria ele ficando louco?

Estaria por fim enlouquecido por tanto sofrimento e espera? Ficou confuso, tentou levantar-se. Sentiu dificuldade, mas sentou-se, e pode alcançar ao menos o raio fino do Sol no seu olhar tão tristonho, que agora transbordava uma felicidade singela e harmoniosa, quase divinal. Quase insana, sem identificar o que e por que dela. Apenas sorriu.

Na longa estrada de partida, a carruagem que levava Catalina, era escoltada por cavalos brancos e seguranças do clero. Ela estava adormecida, até que a brisa fria despertou seu sono leve, e pode ver lá fora, finalmente uma luz que há mais de um ano não via... Levou as mãos aos olhos, estavam ainda sensíveis demais, voltou o rosto ao ombro de Ângela que a acalentou como uma mãe, e então voltou á adormecer.

Dias seriam necessários para se chegar ao destino, mas nada disso seria levado em conta, para um espírito que estava finalmente sentindo o sabor da liberdade, e da vida...

Em Estrasburgo, Pierre acabou se acostumando á visitar Esteban e Antoinet, com esses dois pretextos não faltava-lhe oportunidades de

ao menos ver a doce imagem jovem de Amália perambulando pela imensa mansão dos Fletcher.

Sempre vinha sozinho, entretanto aquela manhã de março trazia a companhia de um homem simpático, era seu vizinho John Storder, qual era casado com Gentil Idelette de Bure, uma honrosa mulher que juntamente com o esposo zelava pela família. Agora, após deixarem o anabatismo, acompanhavam juntos eles e seus dois filhos, o ideal calvinista fervorosamente.

- Olá Bartolomeu, como estão meus pacientes?

- cumprimentou Pierre sorridente a Bartolomeu que deixando de plantar na horta onde tinha seus afazeres da manhã, venho receber os visitantes.

- Bom dia doutor Pierre.

- Quero que conheça meu amigo e vizinho John, ele é assíduo dos cultos de João Calvino, o próprio Calvino e ele são amigos há mais de anos.

- Sim, o chamo de Calvin, ele já é amigo da família.

- Que bom, fico feliz em conhecer mais um amigo e irmão na fé. Entrem, ainda há café da manhã, querem se alimentar?

- Estamos famintos! - Sorriu Pierre cativando o sorriso de John também.

- Então venha, vou chamar António, Giovani e Esteban para descer e comer conosco.

Na cozinha, já estavam bem alinhados em seus lugares, Fletcher estava presente, e Esteban quase perdido em meio aos amigos mantinha-se amuado em seu franzino corpo emagrecido. – Como se sente nestes últimos dias Esteban? Vem se alimentando conforme lhe prescrevi?

- Sim, venho Pierre. – Respondeu secamente e com esforço, sempre sendo intercalado por uma tosse constante.

- Não gosto dessa tosse, tem sido constante? Tem ocorrido durante as noites?

- Não sei. Creio que não. Eu estou bem Pierre. Eu estou muito bem. Mas e você John o que mesmo?

- John Storder.

- Sim, John Storder, mora há quanto tempo aqui?

- Moro há dois anos Esteban, com minha esposa Idelette e meus dois filhos.

- Que bom, uma bela família então.

-Sim Esteban, uma família linda. Éramos anabatistas, até assistirmos uma ministração de Calvin.

-Calvin?

- João Calvino, desculpe, é que o chamamos de Calvin, é costume, somos muito chegados.

- Sim, claro...

- Então, como ia dizendo, nos apaixonamos pelos ideais calvinistas, e então deixamos o anabatismo, e passamos á frequentar a igreja de Calvino.

- Entendo, Calvino me falou de uma família que ele prezava muito, eram vocês com certeza. – Sorriu Esteban vendo em John um novo amigo e irmão na fé. John era um homem franzino, pálido e, sobretudo doentio, sua esposa não diferente tinha uma beleza um tanto rara, não chamaria a atenção por onde passasse, mas não deixaria de ser inesquecível estando á sós á quatro paredes...Era misteriosa e incomum. Ambos recorriam repetidas vezes ao jovem doutor Pierre, qual muitas das vezes perdia noites de sono tentando acalentar o desespero ora do esposo pela esposa, ora da esposa pelo esposo... Asma por parte de John, e fraqueza persistente por parte da senhora Idelette.

Mas ainda assim, a paz reinava naquela família, e pensou Esteban, mesmo que fosse a asma, a fraqueza e a impaciência das péssimas noites dormidas, que fossem essas, ao lado de sua amada. Mas isso tudo foi processado em seu silencioso pensamento, como de costume, sorriu superficialmente, e voltou á usar sua face de espera eterna.

A paz daquele diálogo foi interrompida pelo som de violentas patas cavalgando em direção á mansão. Esteban não se moveu apenas os olhos seguiram até a porta para atenção ao som. Os outros se